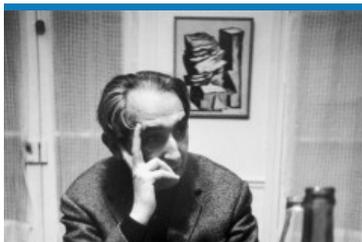


18/08/2017 às 05h00

Encontro com Mário Pedrosa

Por Matías M. Molina | Para o Valor, de Madri

Conheci Mário Pedrosa em Madri, no fim da década de 70, por sugestão de um amigo em comum. Foi um encontro longo e agradável, no apartamento de sua filha Vera Pedrosa, poeta e diplomata, que trabalhava na embaixada brasileira. Falamos de vários assuntos, ele me perguntou sobre pessoas conhecidas, entre elas Cláudio Abramo. Nunca mais voltei a vê-lo. Ele retornou ao Brasil, e eu era na época correspondente em Londres. Vera seria em anos seguintes embaixadora no Equador, na Dinamarca e França.



Para o crítico Mário Pedrosa, a criação era "um exercício experimental da liberdade"

De maneira inesperada, voltei a encontrar Mário Pedrosa em maio último, também em Madri. Eu estava na fila do Museu Reina Sofia para ver a exposição "Piedade e Terror em Picasso: O Caminho a Guernica" quando vi, no enorme painel que anunciava essa mostra, o anúncio de outra exposição: "Mário Pedrosa - Da Natureza Afetiva da Forma".

Fiquei surpreso. Eu conhecia Pedrosa como crítico de jornais como "Tribuna da Imprensa", "Correio da Manhã" ou "Jornal do Brasil", hoje desaparecidos, mas ignorava que ele também tivesse sido artista, como parecia anunciado. A visita resolveu o mal-entendido. A mostra está dedicada ao crítico e teórico da arte Mário Pedrosa, que, segundo o folheto da exposição, foi um dos pensadores latino-americanos mais importantes do século XX e um intelectual comprometido com o debate sobre o futuro da sociedade em termos culturais e políticos. Sua obra é praticamente desconhecida na Espanha.

A exposição apresenta textos de Pedrosa e uma ampla representação, com cerca de 200 obras da arte brasileira do século XX: Lívio Abramo, Cícero Dias, Guignard, Lygia Clark, Milton da Costa, Amilcar de Castro, Di Cavalcanti, Portinari, Djanira, Antonio Dias, Millôr Fernandes, Ismael Nery, Gerchman, Oswaldo Goeldi, Maria Leontina, Oitica, Pancetti, Lygia Pape, Ivan Serpa, Volpi, Franz Weissmann. Há também artistas estrangeiros que influíram em sua trajetória crítica, como Calder, Käthe Kollwitz, Morandi, Oteiza, Ben Nicholson, Paul Klee. O museu editou uma publicação com ensaios sobre Pedrosa, artigos dele pela primeira vez traduzidos ao espanhol e uma cuidada reprodução dos principais quadros, desenhos, gravuras e esculturas da exposição.

Mário Pedrosa (1900-1981) foi ativista político. Filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1926, foi expulso por sua orientação trotskista, participou da fundação da IV Internacional, da qual foi membro do comitê executivo, desentendeu-se com Leon Trótski, mas manteve seu ideal marxista. No Brasil, foi preso e exilado durante a ditadura Vargas e no regime militar. Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores e recebeu a carteirinha nº 1.

Cultura & Estilo

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Ver todas as notícias

Videos



REPORTAGEM ESPECIAL: A saga da JBS
25/07/2017



À mesa com o Valor

Entrevistas

20/08/17 12:14





“Café” (1935), de Candido Portinari, artista que refletia visão engajada de Mário Pedrosa

Créditos: Coleção Museu Nacional de Belas Artes - Rio de Janeiro

Mas a influência de sua crítica teria sido efêmera se ele a tivesse subordinado a rígidas fórmulas ideológicas. Para Pedrosa, a criação é "um exercício experimental da liberdade", uma necessidade vital, não uma imposição. Segundo ele, o artista se encontra à margem do sistema de produção. Suas apreciações acompanharam a evolução da arte no século XX, mas recusou-se a ser porta-voz de qualquer tendência. Com o tempo, se distanciou da linha burocrática da esquerda latino-americana. Para um curador da exposição, ele foi um pluralista convicto que manteve seu ativismo político e sua crítica de arte em trajetórias paralelas.

Sua primeira obra crítica importante, marcada pela luta de classes, foi uma conferência em 1933 sobre as gravuras da alemã Käthe Kollwitz, que refletiam a condição miserável do proletariado alemão; segundo ele, não era arte panfletária porque revelava uma autêntica consciência de classe social. Esta visão engajada dos primeiros tempos se estende a obras de Portinari e Di Cavalcanti. Posteriormente, Pedrosa foi influenciado pela psicologia da Gestalt, que o levou a escrever sobre os processos subjetivos da criação artística. Um resultado foi sua tese de doutorado em 1949, "Da Natureza Afetiva da Forma na Obra de Arte", em que une a forma e o afeto, e cujo título deu nome à exposição em Madri. Dizia que o potencial revolucionário da arte estava no indivíduo, e que não era um mero sintoma da luta de classes.

Um fato marcante em sua trajetória foi o experimento pioneiro em terapia ocupacional num hospital psiquiátrico num subúrbio do Rio. Foi realizado pela psiquiatra Nise da Silveira, que instalou um ateliê de pintura para os pacientes. Seus quadros foram expostos na Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Para Pedrosa, eram prova de que o ser humano pode comunicar-se de forma visual, uma maneira de exteriorizar o inconsciente, que a arte era o único meio dos pacientes para comunicar-se em profundidade, colocando sua alma a descoberto. Várias obras desses pacientes estão na exposição.

A partir dessa experiência, Pedrosa desenvolve o conceito de "arte virgem". Ao mostrar uma coleção de desenhos de Raphael Domingues, um dos enfermos do hospital psiquiátrico, ao francês Jean Dubuffet, autor da teoria da art brut, este disse que havia neles uma influência de Matisse. Apesar de Pedrosa insistir em que o autor, muitos anos doente, nunca vira em sua vida um quadro desse pintor, Dubuffet disse acreditar nele, mas "algo me diz que Raphael conhece a obra de Matisse".

Ao desfazer-se do arcabouço ideológico, Pedrosa passou a ver o realismo socialista como uma linguagem artística "fracassada" e elogiou diversas vezes os Estados Unidos porque seu governo não interferia em questões estéticas.

Perdeu também o antigo entusiasmo por pintores como Di Cavalcanti, Lasar Segall e Portinari, a quem atribuiu um oportunismo cínico. Foi impulsor de



CÉDRIC VILLANI
O lado insólito e pop da nova política francesa

18/08/2017 às 05h00



JOSÉ EDUARDO AGUALUSA
Autor de sonhos intranquilos

11/08/2017 às 05h00



ZUZA HOMEM DE MELLO

Quando uma alma canta

04/08/2017 às 05h00



JUN SAKAMOTO
Sushman de corte afiado

28/07/2017 às 05h00



LILIA MORITZ SCHWARCZ
Retrato em branco e negro

21/07/2017 às 05h00

Lançamentos

Livros, músicas e séries



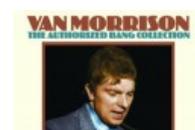
Livros
Um cineasta sob a luz da história

AA+



Livros
"Retratos Culturais do Arco e Flecha no Amazonas"

AA+



CD
"The Authorized Bang Collection"

AA+

CD
"Filhos de

tendências como a abstração geométrica, o neoconcretismo e a arte pós-moderna, chegando a qualificar Antonio Dias e Rubens Gerchman como "artistas pop do subdesenvolvimento". No fim da vida se afasta do "européismo" e defende uma arte brasileira e latino-americana.

Além de crítico, Pedrosa foi professor de arte e contribuiu para a instalação das primeiras bienais de São Paulo, para trazer a uma delas o quadro "Guernica", de Picasso, para a formação do Museu de Arte Moderna do Rio. Exilado no Chile, começou a organizar, a pedido do presidente Salvador Allende, o Museu da Solidariedade.

A obra de Mário Pedrosa volta a ser vista com redobrado interesse. Teses e dissertações sobre ele vêm sendo produzidas nos últimos anos. Em 2016, a editora Cosac Naify iniciou a publicação de suas obras completas. Também no ano passado, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) publicou uma antologia de seus escritos. A exposição no Museu Reina Sofia, de Madri, que vai até 16 de outubro, é outra prova da vitalidade de sua visão crítica da arte.

Matias M. Molina é autor dos livros "Os Melhores Jornais do Mundo" (Editora Globo) e "História dos Jornais no Brasil" (Companhia das Letras). E-mail: matias.molina@terra.com.br

Share



0



Bach" (trilha sonora)

AA+



CD Roger Waters volta à boa forma

AA+

Legenda AAA Excepcional BBB Acima da média
 CCC Baixa qualidade AA+ Alta Qualidade
 BB+ Moderado C Alto Risco